

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Baixa Idade Média, Mulher e Povo em Michelet: Um Projeto Político de
Nação para o Século XIX**

Jacqueline Nunes Pereira¹

Terezinha Oliveira²

Resume: Ce travail a pour objectif analyser comme l' historiateur français Jules Michelet , du XIX siècle, présente et valorise le moyen âge. l' aspect principal de l' analyse consis la forme comm l' auteur relatinne les questions médiévales del siècle XIV, avec les conflics politiques de son époque. `A partir de cela, on regarde deux questions que, à notre avis, sont importantes parur comprendre le penssée de l' auteur. L' première est liée du rolê que l' éducation dégage dans le procéssus de la transition due medievo à la modernité. La deuxième montre la façon comme Michelet acullitte l' education de la femme et du peuple.

mot-clé: Éducation ; puevo;la moyen Âge

Iniciaremos esta comunicação, apresentando algumas questões importantes para compreendermos a historiografia romântica em que Jules Michelet viveu. Em seguida, apresentaremos as discussões acerca da temática a partir da análise realizada nas seguintes obras: *O Povo*, escrita em 1846 e *A Mulher* em 1859. Pontuar seu olhar histórico sobre essa época é importante para nós, especialmente porque, entre um e outro livro, muitas coisas aconteceram e seu esclarecimento nos auxilia a avançar na compreensão do de transformação social.

Trata-se, em primeiro lugar, de avaliar a posição de Michelet entre os historiadores românticos, uma vez que é muito comum que alguns historiadores contemporâneos o identifiquem com essa historiografia. Por outro lado, outros historiadores, e o próprio Michelet, estabelecem um diferencial no interior desse pensamento. É fundamental, neste caso, demonstrar que, nesse diferencial, está implícita uma maneira particular de Michelet entender a história e a educação, especialmente a função do povo e da mulher na sociedade.

Como um escritor que pretendia ser um porta-voz da consciência do povo, Michelet atribuía aos historiadores românticos um papel social importante; caberia a eles a

¹ (DEF/CESUMAR)

² (DFE/PPE/UEM)

orientação do povo sobre os acontecimentos que ocorriam na sociedade. Ele acreditava que isso seria o começo para a consciência coletiva, seria a base para a educação do povo.

Em Michelet, Gérard (1970, p. 53) vê aflorar, sob muitos aspectos, a história da Revolução de 1848. Nos prefácios que escreveu de 1847 a 1868, ele estaria apregoando um posicionamento quase agressivo contra os “sistemas” existentes. “Parcial, de modo franco e vigoroso”, a posição de Michelet, do seu ponto de vista, assim se define:

- contra o fatalismo, sobretudo de Thiers. “A adoração do fato era em nós um legado de 1815”. As três gloriosas introduziram de novo na história a espontaneidade em todos os sentidos: “A liberdade apresentou reclamações contra a sociedade. É o momento de reclamar também da ciência”.*
- *contra o socialismo de Buchez-Roux e de L. Blanc: “Eles quiseram impor à Revolução de 89 o caráter socialista dos tempos posteriores”.*
- *contra a teoria da salvação pública que é abordada sem rodeios e da mesma maneira condenada por ele, em 1847 (prefácio III).*
- *contra o cristianismo que para ele encarna a anti-revolução: o reino da graça é exclusivo do reino da justiça, “o novo dogma, o dogma da vida”. Essa mística anticristã o situa na mais profunda oposição, a partir de 1845, a seu amigo Quinet (“A Revolução não adotou igreja alguma. Por quê? Porque ela mesma era uma igreja”), a L. Blanc (“Nós somos de duas religiões, ele é semicristão”) e a todos os outros “garatujeiros ecléticos de religião e revolução” encabeçados pelos buchezianos.*
- *contra a concepção “monárquica” ou “aristocrática”: “o ator principal é o povo”. “A Via real” para o historiador é seguir a tradição popular e interpretá-la (“o memorialista”, no dizer de Péguy), desenvolvendo simplesmente o “catecismo histórico do povo” — “Quem trouxe a revolução? Voltaire e Rousseau... Quem estragou a revolução? Marat e Robispière” etc.*
- *contra esse credo, purificado pelo retorno às fontes, excluindo a religião robespierrista-difere sensivelmente do adotado pelos outros historiadores democratas. Michelet se entusiasmara sempre com a primeira revolução, “a época humana e condescendente”. O escrito da revolução é o da jovem liberdade (GÉRARD, 1970, p. 53).*

Por fim, a autora afirma que ele se mantém em comunhão com os seus contemporâneos no plano do messianismo revolucionário.

Oliveira (1997) também escreve sobre Michelet e o destaca como um historiador que sempre esteve envolvido com as ações de seu tempo. Por isso, explica que, no período em que Michelet viveu, duas correntes teóricas e políticas do século XIX retomavam a historiografia produzida no período das perturbações de 89. Na França, destacava-se que os românticos tinham sido os primeiros a valorizar e recuperar esta época de turbulência como um período positivo para formação da nação.

Foi em torno da preocupação com a formação da Nação Francesa e da busca de uma identidade nacional que os historiadores dessa nova escola se uniram em busca do passado, mais precisamente para as origens do Terceiro estado. Na

recuperação da história medieval, estava embutida a luta pela consolidação da nação fundada em 1789 (OLIVEIRA, 1997, p. 179).

Cita Thierry como um historiador que via a idéia de unidade na história das origens da França como algo novo, que não fazia parte das questões do século XVIII. Segundo Oliveira, o que separava as duas correntes históricas e conduzia as visões diferentes da Idade Média era a posição de cada uma na luta a favor do Terceiro Estado.

Na verdade, a diferença histórica que separava essas correntes historiográficas tão próximas e que as conduziu a visões distintas da Idade Média é o momento em que cada uma se colocou na luta em favor do terceiro estado. No século XVIII as questões estavam colocadas no plano da liberdade do indivíduo, daí a importância adquirida pelo direito romano, as questões apresentavam-se sobre a forma de questões filosóficas e da necessidade de um rompimento radical com o que pudesse estar identificado com o mundo feudal (OLIVEIRA, 1997 p. 179).

No século XIX, as questões giravam em torno da consolidação da ordem burguesa, no intuito de dar aos indivíduos a idéia de unidade, de governo único. Enfim, de constituir uma nação coesa com leis e direitos iguais para todos. Não se tratava mais de destruir a sociedade, mas de consolidar uma sociedade a partir das classes que a compunham.

Cabe agora nos dedicarmos ao fato de que Michelet se considera um historiador que se distingue dos demais românticos.

Segundo White (1992), na obra *Meta-História*, embora Michelet negasse ser um romântico, assumia e representava uma posição diferente *dentro* do movimento romântico, especialmente em razão de sua concepção do processo histórico. “Michelet pretendia descobrir um meio de elevar a apreensão romântica do mundo à condição de um enfoque científico” (WHITE, 1992, p. 160). Segundo ele, Michelet tinha uma sensibilidade poética, mas totalmente reflexiva, na qual se manifestava a sua autoconsciência.

Michelet e suas diferenças com os demais historiadores românticos

Michelet se considerava diferente dos historiadores românticos porque escrevia suas obras com realismo, porque se contrapunha ao pensamento de muitos deles, especialmente os da metade do século XIX, que, quase sempre, queriam diminuir no espírito do povo, a idéia de união popular que teria predominado com a deflagração da Revolução Francesa. Segundo ele, esses historiadores caracterizavam o povo francês como uma classe

totalmente limitada, frágil, cheia de conflitos. É justamente isso que ele condena, procurando em seu olhar demonstrar o outro lado do povo.

Ele vê no povo, em especial, nas mulheres, como sendo as indicadoras da construção social. Podemos dizer que, a compreensão sobre a transformação dos valores da sociedade medieval, sobre como o povo vai se educando, poderá ser o suporte para identificarmos a linha de raciocínio de Michelet, especialmente quando se dedica a discutir a educação.

Dá voz às pessoas do povo, como Joana D'Arc, porque procura realçar, para os homens de seu século, as manifestações que moveram a civilização em tempos anteriores e, por isso, descreve as pessoas do povo como atores que também mudaram a história. Segundo ele, o episódio de Joana D' Arc expressaria um embrião nacional, um elemento da pátria que ele almeja e quer construir no século XIX.

Michelet encontra na mulher outro aspecto relevante a ser pontuado nesta comunicação: sua ação na política. “Ora, as mulheres não ficaram alheias à batalha política; muitas delas haviam participado dos acontecimentos de 1848 e o amor ia precisamente ao encontro de suas aspirações³” (MICHELET, 1995). Segundo a autora da introdução da obra *O Povo*, Thérèse Moreaus, elas reivindicavam direitos políticos e sociais, não um marido idólatra que as encerrasse de novo no gineceu.

Michelet aborda a mulher como mãe, esposa, instinto, feiticeira e até mesmo como multidão. Todos estes papéis fazem dela uma agente revolucionária que, tendo suas ações refletidas diretamente na opinião dos homens, acaba por se tornar um elemento fundamental na estrutura da nação, seja em questões políticas, seja em questões civis. O que é louvado por Michelet nessas mulheres que participaram de uma maneira ou de outra na Revolução é simplesmente seu amor pela pátria e seu comprometimento para com o povo e os ideais de liberdade.

Assim, podemos afirmar que, de uma forma particular, Michelet evidencia em suas obras a necessidade de levar o povo em consideração nas propostas de transformação da sociedade no século XIX. Nos cursos ministrados no Colégio de França e que já mencionamos anteriormente, ele e Quinet ensinavam e incitavam seus alunos a se aproximar das massas.

Esses jovens, tal como os vejo diante de minha cátedra, apresentam melhores tendências, sempre acolheram generosamente toda palavra em favor do povo. Que façam mais, que lhe estendam a mão e formem logo com ele a aliança da regeneração comum (MICHELET, 1989, p. 12)

³ MICHELET, J. 1995. XXV. Prefácio de Thérèse Moreau.

Percebe-se, assim, que a perspectiva com que Michelet olha a história é diferente daquela de muitos escritores, como Guizot⁴, Thierry, thierry, Villemain e Cousin. Mesmo que fizessem parte da Historiografia Romântica e tivessem, tanto para a Revolução Francesa, quanto para a Idade Média, uma atenção especial, cada um tinha uma particularidade na forma de analisar a história, que, de certa maneira, era coerente com a sua posição política.

Michelet se diferencia destes importantes historiadores porque atribui ao povo, mais do que à burguesia, um papel de grande relevo na constituição da nação francesa. Essa perspectiva diferente não diz respeito apenas à sua disposição em se aproximar das massas, mas sim a um posicionamento geral, teórico a respeito da sociedade.

Segundo Oliveira (1997), não se tratava mais de condenar esta ou aquela tendência, como ocorrera no período revolucionário; não se tratava mesmo de destruir as tradições, mas de criar interesses gerais que se contrapusessem à tendência ao individualismo burguês. Foi neste contexto que se colocou como questão a recuperação das tradições francesas. Era preciso dar aos homens e as instituições um sentido de unidade e de tradição. Foi isto que levou os franceses da restauração a se voltar para o passado, mais do que o passado voltarem-se para a história.

É dessa maneira que analisamos a “história” em Michelet. De nosso ponto de vista, ele busca encontrar em seu estudo da Idade Média a solução para os problemas sociais de sua época. Podemos dizer, de acordo com Oliveira (1997, p. 131), que os exemplos que ele destacava na época feudal eram, de fato, um instrumento de crítica às relações sociais vigentes no século XIX. É o que ele faz em *O Povo*,

Michelet destaca sempre a forma de viver do povo. Ele aponta certos valores, como união, fraternidade e bondade, que, a seu ver, deveriam nortear a sua vida como historiador e, sobretudo, como um homem que queria transformar a nação. A união, a fraternidade e a bondade do povo francês durante a revolução são relacionadas a um retorno à natureza humana, ou seja, um exemplo de como os homens poderiam ser semelhantes e esquecer as diferenças sociais que os fizeram sofrer durante tantos séculos.

Por fim, podemos concluir esta apresentação, pontuando que o maior conflito de Michelet é com a “desigualdade social”. Poderíamos dizer que a falta de respeito entre as pessoas, a desarmonia familiar, o desequilíbrio emocional, entre outros, que se manifestam nos

⁴ O que diferencia Guizot, thierry, Villemain, e Cousin de Michelet, são as questões políticas. Este grupo acreditava na sociedade burguesa e na monarquia constitucional como ideal de governos, Michelet acredita no povo como ideal de governo.

dias de hoje são reflexo de uma sociedade em total desequilíbrio. Por isso, cabe-nos destacar a importância das obras desse para a atualidade, não só nos campos da política e da história, mas, especialmente na educação. Elas nos mostram que precisamos intervir na desigualdade social e lutar pelo resgate de valores, como bondade, fraternidade e união.

REFERÊNCIAS

GÉRARD, A. *A Revolução Francesa: mitos e interpretações*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
GUIZOT, François. *História da Civilização da Europa*. Lisboa: 1974. LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito da Idade Média* editoria estampa, 1980

_____. *A História Nova*. 4ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1998.

_____. *Os Intelectuais na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MICHELET. Jules. *O Povo*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

_____. *A Agonia da Idade Média*. São Paulo, EDUC/ Imaginário, 1992.

_____. *A Feiticeira*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.

_____. *A Mulher*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

OLIVEIRA, T. *Guizot e a Idade Média: civilização e lutas políticas*. Assis: UNESP, 1997. (Tese de Doutorado)

WHITE, A. *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1992.